

mesmo; com uma autoridade soberana, porém, ele não quer ser servido se não em seus irmãos" (ibid.).

(14) HULSMAN, L. e BERNAT DE CELIS, J., *Penas perdidas - O sistema penal em questão*, Edit. LUAM, Niterói, RJ, 1993, 180 p. Notar, pela parte que nos toca, a argumentação que o Autor faz à pág. 68 sobre a influência que a Teologia Escolástica medieval e a própria Teologia Bíblica da retribuição exerceram sobre o Direito Penal, influência que deveria ser reavaliada...

Endereço do Autor:

ITESC - Caixa postal 5041
88040-970 FLORIANPOLIS, SC

Fraternidade e Excluídos

Para uma Leitura Sócio-Teológica da Marginalidade Social na América Latina

Pe. Elias Wolff - grad. 1993
Vigário Paroquial em São Joaquim, SC

A exclusão, em todo o planeta, de milhões de seres humanos, das possibilidades de vida digna e feliz com trabalho, saúde, moradia, educação etc, **é um fato sociológico e teológico a um só tempo**. O presente artigo procura apresentar uma leitura sociológica da marginalidade social como substrato para a leitura teológica da mesma realidade.

Ambas as leituras se complementam num único objetivo. Mostrar que a realidade dos excluídos é uma injustiça estrutural em nossas sociedades latino-americanas (leitura sociológica) e que essa injustiça constitui um pecado pessoal e estrutural (leitura teológica) que precisa ser denunciado pela crítica profética como condição para a abertura dos sistemas fechados e a realização da acolhida cristã - caminho para o Reino de Deus.

I. A MARGINALIDADE COMO UM DADO SOCIOLÓGICO

I.1 - A MARGINALIDADE ESTRUTURAL

A situação de marginalidade em que vivem as maiorias empobrecidas da América Latina e Brasil surgiu no curso de um processo histórico, com origem já na colonização do continente. Isto é o que nos atestam os historiadores, ao analisarem a ação dos europeus colonizadores com relação ao índio e ao escravo (1). A mesma atitude de superioridade continuou sendo praticada pelos descendentes dos colonizadores no seu relacionamento com o caboclo e foi herdada nos nossos tempos pelas classes dominantes em todos os países do continente.

Mesmo presentes também no meio rural, as massas excluídas concentram-se sobretudo nas cidades. Ali, não são

"reservas de mão-de-obra" mas "excedentes" da força de trabalho que o sistema de produção não consegue incorporar. "Nesse sentido, não são desempregados, porque não são empregáveis"(2).

Os marginalizados são "sobras" porque as atividades econômicas que desempenham são irrelevantes e dispensáveis para o sistema, e os bens que consomem pouco representam no conjunto do mercado. Assim, **são sinais traumáticos da anormalidade estrutural de uma ordenação social que não tem a capacidade de corrigir as dissociações que gera**.

Logo, não são os excluídos que constituem a anomalia social. Eles não se opõem à participação da vida nacional em atividades econômicas, culturais etc. A enfermidade reside na estrutura que os gera para explorá-los como força de trabalho temporária e descartável. Assim, as sociedades latino-americanas não surgem como comunidades humanas integradas, mas como um "subproduto de sistemas produtivos destinados tão somente à geração de lucros pecuniários" (3). Como os lucros produzidos são remetidos, em grande parte, para o exterior, deixando de acumular capitais aplicáveis no alargamento da economia nacional, esta foi-se atrofiando e deformando a ponto de gerar, como principal subproduto, a marginalidade.

I.2 - UMA "AMEAÇA" PARA O SISTEMA

O povo pobre, mesmo negado nos seus valores, espoliado na sua força de trabalho, criticado porque é diferente do sistema dos ricos, dos intelectuais, dos religiosos, menosprezado no seu "ser outro", constrói prédios, viadutos, asfaltos, fábricas, hospitais, escolas e igrejas. Há tempo, abandonou a enxada, a foice, o machado, para atender às novas necessidades dos seus senhores, que têm seu habitat "natural" nas

idades, grandes e pequenas. Aí as classes marginalizadas se multiplicam. Para as classes dominantes, isto é uma "desgraça" (fora do âmbito da graça, de Deus) e consequência da "irresponsabilidade" de gente miserável que se permite reproduzir-se desregradamente. Essa subhumanidade é mais que um problema, constitui uma vergonha que atenta contra seus foros de civilização ao exibir sua feitura, suas enfermidades e sua miséria.

A carência de uma organização política que represente as classes marginalizadas agudiza seu caráter contingente. Não lhes é permitido o acesso ao sistema modernizado da produção e são formalmente excluídas da sociedade nacional. Assim, são tratados como se não existissem. Seus problemas, quando chegam a preocupar as autoridades, só as comovem na medida em que causem ou possam vir a causar distúrbios. Quantos procuram uma forma de eliminá-las, tal como fizeram com o Nazareno importuno (cf Mc 3,6). E enquanto não se constroem novos crematórios a exemplo de Dachau e outros, vão sugando o pouco de vida que ainda resta nesses corpos dilacerados pela fome, mas que ainda se agüentam em pé como serviçais domésticas, biscateiros, engraxates etc.

A própria Igreja católica tem sido ambígua em relação às massas marginalizadas. Estas escapam do seu controle, aderindo às seitas e a outras expressões religiosas. Os padres, pela sua posição social e educação, não encontram linguagem adequada para a comunicação. A Igreja não mais exerce o controle sobre a totalidade da população como em outros tempos.

Analisando este fato, Darcy RIBEIRO afirma que o poder da Igreja está em decadência principalmente sobre as populações que se urbanizaram. Segundo ele, "os netos dos fundadores das antigas Irmandades foram conquistados primeiro pelos cultos messiânicos de inspiração católica ou protestante, mas já não mais regidos pelo clero; depois, pelos ritos afro-americanos... e, finalmente, pelas religiões espíritas, desde o kardecismo da classe média até a umbanda ou quimbanda" (4).

O fato mais grave, continua D. RIBEIRO, das disparidades, econômicas e políticas, está em que os contingentes marginalizados estão em franco aumento, tanto em porcentagem como em números absolutos. E isto se deve à técnica de cada setor econômico no campo e na cidade. O sistema não é capaz de absorver estas massas marginalizadas e elas passaram a ser vistas como "excedentes", e sua existência passou a ser apontada como o mais grave problema social latino-americano. Este crescimento acelerado se dá por dois modos fundamentais: 1) pelo nascimento de crianças cujos pais pertencem aos setores marginalizados; 2) pelo deslocamento de setores pobres, mas integrados, à condição de marginalizados (5).

Para o sistema, o "problema" se agrava pela concentração dessas massas nos grandes centros urbanos. Concentradas, elas vão, de alguma forma, se homogeneizando e conscientizando-se da sua condição de párias. Enquanto a miséria estava escondida nas fazendas, isso não era possível. Mas agora existe a possibilidade da organização como um grupo social diferenciado, consciente de si mesmo, com

formas imprevisíveis de conduta e com capacidade de ação conjugada, legal ou extra-legal.

1.3 - O GENOCÍDIO PROGRAMADO

Como remédio extremo, apela-se hoje para saídas desesperadas como a contenção demográfica, artificialmente induzida, por recomendação e subsídio do governo dos Estados Unidos. Esta atitude é "justificada" por sentimentos piedosos em face da ameaça de fome que fatalmente recairá sobre as camadas marginalizadas se elas continuarem a crescer no ritmo atual. Um líder norte-americano argumentava: "Cinco dólares gastos no controle da natalidade são mais rentáveis do que cem dólares gastos no crescimento econômico" (Lyndon B. JOHNSON, em discurso às Nações Unidas). Já R. KENNEDY afirmava também que "a explosão das classes marginalizadas... ameaça consumir nosso progresso à medida em que progredirmos" (6).

Na verdade, porém, **o problema reside na incapacidade do sistema para absorver as massas excluídas** na força de trabalho, num projeto educacional, numa organização sistematizada, porque o mesmo sistema que as produziu considera-as agora como um quisto que precisa ser extinto da vida social. Além disso, o sistema teme que as aspirações que as massas têm de um emprego modesto, de onde possam tirar seu sustento, as ativem amanhã para subverter a ordem social que as exclui. "Esta ameaça de irrupção violenta assusta o sistema porque este sabe ser impossível integrar os excluídos na sociedade sem alterar substancialmente a estrutura de poder e a estratificação social" (7). Advertindo sobre esta ameaça virtual de genocídio programado, a Igreja, por sua vez, perguntava: "Quem impedirá amanhã os governos de favorecer e até impor a seus povos o método anticoncepcional, se eles o julgarem mais eficaz?" (Encíclica *Humanae Vitae*, 1968). E, parece que esse amanhã temido pela Igreja é o nosso hoje...

Enquanto procuramos a resposta à questão que nos é feita pela Igreja, há que se perceber que o temor das classes dominantes é a grande aspiração da utopia do Reino. Partindo do desejo de Jesus Cristo, que *todos tenham vida, e vida em abundância* (Jo 10,10), o povo pobre unido é capaz de criar novas ideologias, mais condizentes com a realidade, baseadas na percepção de que **a pobreza dos pobres não é uma condenação divina, não é natural nem necessária**, mas existe porque outros se apropriam da parte que lhes deveria caber. Isto lhes dará condições de saírem da marginalidade como cidadãos conscientes de que têm direitos que precisam ser respeitados para que possam viver com a dignidade dos filhos de Deus.

2. A MARGINALIDADE COMO UM DADO TEOLÓGICO

O homem excluído não é apenas uma realidade sociológica, como vimos acima. Ele é também uma realidade teológica e teológica (8). A um só tempo, é uma realidade teolo-

"os marginalizados
são 'sobras'
porque as
atividades
econômicas que
desempenham
são irrelevantes"

gal enquanto um espaço aberto para a reflexão do "ser excluído" à luz da fé, enquanto é ele quem fornece os fundamentos e princípios que norteiam o discurso teológico. E é também uma **realidade teológica** porque o "ser excluído" é mais do que "possibilidade" para a reflexão. Ele não apenas explicita postulados de fé mas é a própria fé manifestando-se. Desse modo, **as massas excluídas encerram em si a realidade da divindade** que nelas sofre e clama por reconhecimento, suplica respeito e dignidade, exige justiça e veneração: "*Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes*" (Mt 25,40). Por isso, há que se compreender o ser excluído como a **epifania de Deus pro-vocando** (chamando para) os crentes, o teólogo, para que *enxerguem o que vêem, entendam o que ouvem e aceitem o que lhes é proposto*, ao contrário dos ídolos cegos e surdos e mudos do Sl 115,4-7.

Mas para que isto aconteça com as estruturas sociais, com a Igreja, com os cristãos confortavelmente integrados no sistema, há que se ter a disponibilidade para a abertura, o acolhimento. Isto exige rompimento com o pecado.

2.1 - A MARGINALIDADE COMO CONSEQUÊNCIA DO PECADO

Pecado, segundo Enrique DUSSEL, é o ato de fechamento para a pessoa do outro. Isto acontece quando alguém se "totaliza" (9), se julga único e, portanto, se julga divino. Negar o outro, não acolher o pobre, o doente, a viúva, o ancião, é não obedecer ao mandamento sagrado (cf Dt 10,19). Isto é estar no pecado. Quando alguém se "totaliza", se fecha no seu eu e julga que essa ordem é a mais perfeita, é como se fosse, assim, a ordem do Reino dos céus. Aquele que diz, no seu egoísmo: "Estou no Reino", na verdade está no pecado. Quando Jesus vier, Ihe dirá: "*Não te conheço*" (Mt 7,23).

Isto foi o que aconteceu com Caim quando matou seu irmão Abel (Gn 4,8; cf alusão na 1Jo 3,12). E é o que acontece conosco quando nos "totalizamos" e não permitimos que o outro participe dos nossos sistemas, não partilhemos nossa vida com ele e, conseqüentemente, o matamos. É por isso que não reconhecemos Jesus no empobrecido, no desempregado, no aidético, no menor, na prostituta... Ficamos apenas no questionamento interior: *És tu, Senhor?* (CF 95). As mãos não agem, estão demasiadamente ocupadas com nós mesmos. Assim, o **nosso fechamento leva sempre à morte os nossos irmãos**. Não lhes possibilitamos condições de vida. E não amar o irmão é matá-lo, é fratricídio, como já lembrava a 1ª carta de João (cf 1Jo 3,15). E todo fratricídio, desde a encarnação, é também "teocídio". Pois **matar o irmão é matar Deus que no irmão se epifaniza**. Não é que Deus morra. Mas desaparece com o desaparecimento, com a exclusão, do pobre que o revelava. Isso aconteceu também com o sacerdote e o levita que não acolheram o assaltado à beira do caminho (Lc 10,30-37).

Muitas são as razões que usamos para fundamentar o nosso ateísmo, a nossa descrença no Deus que se revela no irmão marginalizado. Entre outras, nos acostumamos a pré-conceituar o pobre como "vagabundo" voluntário: é pobre, indigente, porque "não quer" trabalhar (e o impressionante é que fazemos esta reflexão confortavelmente instalados nos apartamentos e nos templos que o "vagabundo" construiu)... Esse julgamento é consequência do nosso fechamento ego-

ísta, totalização burguesa, que encobre o fato da injustiça histórica e humana (já acenada quando nos referimos à origem da marginalidade estrutural). Ao fazermos isto, instituímos a injustiça como de origem divina, como um "fato natural", com o qual nada temos a ver. E assim, Pilatos "lava as mãos" (Mt 27,24)...

2.2 - O FIM DO PECADO COMO O FIM DA MARGINALIDADE

Romper com o pecado é destruir os sistemas totalitários sócio-político-econômicos e religiosos que excluem as massas empobrecidas. Para Enrique DUSSEL, isto é "destotalização autoconsciente" (10). É **escutar a voz dos pobres como a própria pro-vocação de Deus** a partir de uma situação humana periférica. É um "segundo momento da fé", conforme o mesmo autor. O primeiro momento da fé é escutar Deus no outro com os preconceitos e a indiferença da cultura do sistema, da religião sem compromisso... Neste "segundo momento", a nossa fé segue a pedagogia do Deus exodal (Ex 3) para assumir o compromisso de resgatar a vida do irmão que está morrendo, sem pão nem remédio nem teto...

A "destotalização autoconsciente" do sistema opressor se dá pela **crítica profética** do processo da exclusão. Neste segundo momento da fé, a crítica profética não usa os dados econômicos ou políticos para camuflar a verdade ou para fazer apenas uma análise científica da realidade dos oprimidos. A partir das estatísticas, a fé detecta o "pecado", a idolatria, a "morte de Deus". "A injustiça, como pecado, é pensada teologicamente à luz da fé cristã, articulada graças às ciências humanas, e a partir da experiência e do sofrimento do povo" (11).

Para que isso aconteça, é preciso que sejamos **ateus do Deus do sistema**. Somente assim podemos, com DUSSEL, afirmar "um Deus alterativo e criador", que se revela no índio, na serviçal doméstica, no catador de lixo... É o Deus judeu-cristão da "vida em abundância" que penetra no horizonte humano para libertá-lo dos grilhões da morte.

Não é com teoria que Deus se apresentará novamente. Será apenas como 'abodah' (serviço), trabalho libertador do oprimido, que o reconheceremos. **Somente num compromisso libertador pode-se proclamar a revelação atual de Deus** e pensar a sua palavra como fundamento de uma nova ordem social e religiosa que favoreça a realização da utopia do Reino. Assim, entendemos que Jesus pregou o Reino escatológico através de uma libertação também histórica contra a idolatria do sistema. Por isso mesmo Jesus precisou "destotalizar a totalidade", abrindo os sistemas fechados que excluem seres humanos. Este é o significado de "*Dai a César o que é de César*" (Dai ao sis-

"a própria Igreja Católica tem sido ambígua em relação às massas marginalizadas"

tema o que é do sistema) "e a Deus o que é de Deus" (Mc 12,27). Isto é, César, ou o sistema, não é Deus.

2.3 - A ACOLHIDA EVANGÉLICA

Para a tradição judeu-cristã a relação pessoa-pessoa se expressa assim: "O Senhor falava frente a frente com Moisés" (Ex 33,11; Dt 34,10; Nm 18,8). Também São Paulo diz: "No presente vemos por um espelho e obscuramente, então veremos face a face" (1Cor 13,12). Assim se expressa a experiência cristã do "ser próximo para o próximo", de constituir o outro como pessoa, como fim de minha ação e não como meio: respeito infinito!

"a explosão
das classes
marginalizadas...
ameaça
consumir nosso
progresso"

dade. E nessa busca são eles quem vai nos dizer o que precisa ser feito. É o que escreve Benjamin GONZALEZ BUELTA: "Esse encontro não depende apenas de nós para responder ao que nos chama, depende do povo que nos acolhe e nos admite em sua intimidade"(12). **O povo tem todo o direito de "ditar" os critérios da ação**, ainda que muitas vezes o faça por razões não muito "esclarecidas". Não podemos participar da sua caminhada como quem "sabe tudo", segundo nos diz Clodovis BOFF: "É em torno das necessidades ou interesses vitais que o povo pode se mexer, e não a partir de esquemas e propostas de cima ou de fora, por melhores que sejam" (13).

Na parábola do samaritano temos um exemplo concreto de abertura do sistema totalizado (fechado) para acolher o necessitado. O levita, fechado em seu mundo preconceituoso, nada viu. Estava totalizado, estava no pecado. Do mesmo modo, o sacerdote. Mas o samaritano (a raça mais desprezível para um judeu, cf Sir 50,26) demonstrou abertura para socorrer o outro e foi capaz de estabelecer a experiência original do judeu-cristianismo, o encontro face-a-face com o outro. Por isso, aceitou que o homem assaltado era digno de serviço - 'abodah' - rompeu com as barreiras da repugnância, ignorou o mau cheiro, despreendeu-se dos preconceitos e fez um ato de fé no Deus que sofre com quem sofre. E a sua fé o levou a "descer do cavalo", acreditando que "Deus está lá em baixo", e partilhou com o assaltado, roubado, injuriado, explorado, a sua montaria e os seus bens.

Ao cuidar de uma vida, o samaritano antecipou a experiência do Reino de Deus. É a experiência da abertura para a partilha de vida, do encontro, da "proximidade", do "face-a-

face" com o outro para comungar os sonhos, os projetos, as dores e as alegrias. Esta é a acolhida e libertação propostas pelo Evangelho. Com esta atitude, diante do empobrecido e excluído da sociedade e da Igreja, poderemos realmente afirmar: *És tu, Senhor!*

CONCLUSÃO

Acolher, receber, hospedar o outro, o sem teto, sem saúde, sem roupa, sem... é entregar-se ao próprio Deus, é ser inabitado pelo Espírito. Porque a questão não é apenas ter misericórdia pelo pobre e marginalizado, mas **praticar a justiça e o direito** (cf Is 58,1). Assim, o cristão se define como o "servo bom e fiel" (cf Mt 25,21), que cumpre a vontade do seu Senhor. A prática da justiça torna-se prática da caridade, da libertação e salvação do homem na ordem do Reino de Deus.

NOTAS

(1) FREIRE, Gilberto, *Casa Grande e Senzala*, vol. I, 14ª edição, José Olímpio, RJ, 1969, p. 125

(2) RIBEIRO, Darcy, *O dilema da América Latina*, Vozes, Petrópolis, 1988, p. 91

(3) Id., *ibid.*, p. 94

(4) Id., *ibid.*, p. 86

(5) Id., *ibid.*, p. 90

(6) Cit. *ibid.*, p. 88

(7) Id., *ibid.*, p. 87

(8) BOFF, Clodovis, *Teologia e Prática (Teologia do Político e suas mediações)*, Vozes, Petrópolis, 1978

(9) DUSSEL, Enrique, *Caminhos de Libertação latino-americana*, Ed. Paulinas, SP, 1985, vol. III, p. 25

(10) Id., *ibid.*, vol. II, p. 81

(11) DUSSEL, Enrique, *Ética Comunitária*, Vozes, Petrópolis, 1987, p. 19

(12) GONZALEZ-BUELTA, Benjamin, *Descer ao encontro de Deus*, Ed. Loyola, SP, 1992, p. 21

(13) BOFF, Clodovis, *Como trabalhar com o povo*, Vozes, Petrópolis, 1984, p. 56

Endereço do Autor:

Paróquia de São Joaquim
rua Leonel Machado, 61
88600-000 SÃO JOAQUIM, SC